

O cristianismo como ingrediente civilizatório: modalidades de articulação entre novas e velhas linguagens nas “Conferências Anchiétanas” (1896)

Ana Rosa Clolet Da Silva,
Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas)

No Brasil, a modernidade política foi acompanhada por complexas reconfigurações nas relações entre o religioso e o secular, ao longo do século XIX. Deste processo, resultou um constructo nacional que não pode dispensar o catolicismo como vínculo básico e fundamento da comunidade política que se organizava, alçado à condição de religião oficial do Império e reivindicado como ingrediente civilizatório indispensável à construção do nacional. De tal forma que o par conceitual cristianismo-civilização funcionou como mediador de uma pluralidade de experiências históricas e base para se pensar o processo de diferenciação das esferas em relação à religião. O advento da República, acompanhado pelo fim do padroado e pela instituição da liberdade religiosa no país, reconfigurou as condições vigentes. Em defesa do catolicismo romanizado, clérigos e leigos resgataram a memória da Companhia de Jesus e seu papel histórico na formação da sociedade colonial, cujos princípios foram interpretados, anacronicamente, como verdadeiro fundamento da identidade nacional. Esta comunicação analisa uma destas construções apologéticas da história da Ordem no Brasil, registrada na obra “Conferências Anchiétanas”, de 1896, cujos textos articulam concepções políticas e religiosas de intelectuais e estadistas do Império e início do período republicano, em torno do par conceitual cristianismo-civilização, focalizando suas possíveis mutações.